

## **Entre duas praças: distintos territórios de arte na cidade de Florianópolis**

### *Between two squares: different territories of art in Florianopolis*

**Débora Mendes Bregue Daniel**  
Mestranda do PPGH/UFF  
deborambdaniel@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo pretende discutir as diferenças de uso entre a Praça XV de Novembro e a Praça Bento Silvério buscando compreender a configuração de territórios na cidade que dão diferentes sentidos a arte. Serão apresentadas aqui algumas leituras e análises de fontes relacionadas à reforma da Praça XV de Novembro em 1999 e, também, algumas observações acerca da Praça Bento Silvério quanto ao uso do espaço por artesãos e malabaristas.

Palavras-chave: arte; cidade; territórios

*Abstract: This article aims to discuss about the differences of use between Praça XV de Novembro and Praça Bento Silverio trying to understand the configuration of territories in the city that give different meanings to art. Will be showed here some readings and analysis of sources concerning the reform of the Praça XV de Novembro in 1999 and also some observations about Praça Bento Silverio on the use of the space by jugglers and artisans.*

*Keywords: art; city; territories*

### O Coração da cidade

“A praça é arte e nós fazemos parte” eram as palavras cantadas em coro pelos artesãos da “Praça XV” no fim de novembro do ano de 1999 pelo que nos informa o Jornal *A Notícia*<sup>1</sup>. A razão para o protesto foi a reforma da praça que, entre outras ações, ordenou a retirada da feira de artesanato do local. O ato gerou polêmica na cidade e estampou muitas matérias de jornais, pois com a justificativa da obra a Prefeitura levava a cabo uma antiga vontade dos lojistas do centro: a expulsão dos artesãos do “coração da cidade”.

A Praça XV de Novembro faz parte do chamado Centro Histórico e compõe, junto com a Catedral Metropolitana, o Núcleo Fundante da cidade. Muito arborizada, é nela que

---

<sup>1</sup> Cf., Artesãos fazem protesto para permanecer na praça. Jornal *A Notícia* - AN Capital, Santa Catarina, 01 dez., 1999.

sobrevive ao tempo a velha figueira, com seus gigantes galhos espreguiçados que proporcionam metros de sombra sobre os bancos. Logo abaixo, sob os pés, os *petit pavê*, em preto e branco, formam um admirável mosaico elaborado por Hassis<sup>2</sup>. Garbosa, atrai também os mais curiosos visitantes que, ao saber de algumas simpatias, entretêm-se em dar voltas na centenária árvore. Além dela, ficus indianos, palmeiras imperiais e cravos da Índia parecem conviver em sintonia com os bustos do poeta Cruz e Sousa; do pintor Víctor Meirelles; do historiador José Boiteux; e do fundador da imprensa catarinense Jerônimo Coelho.

Por sua localização, a praça é um local de passagem imprescindível para grande parte das pessoas que moram ou trabalham no centro; e pelo bem-estar que a sua natureza proporciona, é um local de lazer. Por isso, dentre seus fiéis frequentadores estão os aposentados, não raro com um e outro engraxate a lustrar seus elegantes sapatos. A praça é ponto turístico obrigatório e, por isso, atrai também muitos artesãos que vêm naquele espaço um verdadeiro *oásis* em meio ao turbilhão da vida no centro da cidade.

A reforma na “Praça XV” no final do ano de 1999, contudo, mudaria os usos daquele espaço. Para que ela ocorresse, os “ambulantes” ou “feirantes” como aparecem em alguns jornais, seriam deslocados para Rua Victor Meirelles. Segundo publicado no Jornal *O Estado* de 19 de novembro de 1999, a assessoria da Fundação Municipal do Meio Ambiente (Floram) disse que “a saída dos artesãos é necessária para que as reformas da praça comecem o quanto antes (...) A reforma inclui restauração dos monumentos, recuperação do coreto e do piso, colocação de bancos e mesas, além de ajardinamento e limpeza das árvores”<sup>3</sup>.

Como vimos anteriormente, a notícia não foi bem aceita pelos artesãos da Praça XV, gerando revolta. De acordo com o presidente da Associação dos Artesãos da Praça XV (Associart XV) na época, Carlos Alberto da Silva, o espaço da Praça era ocupado por eles desde 1968, sendo cerca de 80 pessoas que trabalhavam em estandes espalhados por ela<sup>4</sup>.

Ainda como consta na matéria do Jornal *O Estado* de 01 de dezembro de 1999,

A polêmica começou com um projeto da prefeitura de fazer uma reforma na praça, e para tanto era necessário a saída dos artesãos. Eles acabaram vendo na proposta uma forma de expulsá-los do local definitivamente. No protesto, a prefeita Angela Amim acabou sendo acusada de tentar empurrar a pobreza para a periferia.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Artista plástico de Florianópolis.

<sup>3</sup> Cf., Artesãos vão deixar Praça XV. Jornal *O Estado*, Santa Catarina, 19 nov., 1999.

<sup>4</sup> Cf., Artesãos fazem protesto. Jornal *O Estado*, Santa Catarina, 01 dez., 1999.

<sup>5</sup> Idem.

Essa ação da prefeitura, contudo, não foi algo novo. De acordo com a pesquisa do historiador Almir Antonio de Souza havia alguns anos um projeto de “reordenamento do centro histórico da cidade, combinado com um outro projeto de internacionalização do turismo da ilha, chamado de mediterraneização” (SOUZA, 1999:91). Esse projeto de cidade ordenada e voltada para o turismo é o que leva a prefeitura a empreender ações constantes de segregação nos espaços públicos como é o caso da retirada da feira da praça. Souza cita, por exemplo, uma manifestação dos artesãos da Praça XV, em janeiro de 1996, no jornal *Sul da Ilha*. Nele, os próprios artesãos publicam “uma matéria de defesa em relação ao ataque dos órgãos governamentais e os representativos de elites como o Clube de Diretores Lojistas”. De acordo com a matéria “Todo apoio à feira de artesanato da Praça XV”:

(...) O artesão transforma a matéria-prima comprada no comércio local em obra de arte e artesanato popular, produtos que não fazem concorrência alguma com o comércio estabelecido que vende produtos manufaturados e industrializados.

Novamente, a administração municipal “popular” e “democrática” ameaça retirar os artesãos da Praça XV, apesar da promessa pública de regulamentação do espaço feita pelo senhor Prefeito Municipal Sérgio Grandó”

(...) Nesse sentido, a administração talvez considere cultura popular apenas a renda de bilro, boi de mamão ou o presépio de areia. Para nós, cultura popular é tudo e mais uma multiplicidade de atividades, incluindo aí, o artesanato da Praça XV, representativo do artesanato urbano brasileiro, um segmento historicamente marginalizado pelo pensamento burguês.

(...) Afirmamos também que a administração municipal está sendo instrumento adequado do CDL, fazendo o papel sujo para uma “limpeza étnica” do centro da cidade. (IDEM)

Souza ainda nos brinda com a informação do Engenheiro Rubens Bazzo, ex-secretário da SUSP, de que, durante o governo do ex-Prefeito Sérgio Grandó, foi feita uma pesquisa de opinião pública sobre a ocupação da praça pelos artesãos e cerca de 70% das pessoas entrevistadas disse “sim” a permanência da feira na Praça XV, resultado que surpreendeu a prefeitura.

Se a permanência dos artesãos na praça era uma vontade da população, em sua maioria, por que retirá-los do lugar?

Muitas foram as acusações feitas à Prefeita Angela Amim na época. Em depoimento ao Jornal *O Estado*, o artesão Luiz Fernando Fealho afirma que,

Essa é uma atitude política. É a pressão dos comerciantes que financiam a campanha política da prefeitura, para que a gente saia daqui. Eles não estão pensando em nossos empregos, na cultura da cidade ou no bem estar do povo<sup>6</sup>

Por outro lado, nas declarações do Diretor da Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos (SUSP), Odilon Furtado, ele fala que “Nós não vamos permitir a volta deles pra lá. Se precisar, vamos usar a força policial”.<sup>7</sup> Em outra entrevista, concedida ao Jornal *Diário Catarinense*, ele afirma ainda que “A Praça será devolvida aos moradores”<sup>8</sup>.

Nesta última frase há um elemento bastante importante que dá pistas para compreensão do processo de expulsão dos artesãos, que é o fato de entre eles haver uma grande parte de estrangeiros e por isso não tem direito à praça. Ou seja, a questão entremeia também conflitos entre “nativos e estrangeiros” dos quais sugere Márcia Fantin no seu estudo sobre a “Cidade Dividida” (FANTIN, 2000) e/ou “turistas e vagabundos” de que fala Zygmunt Bauman (BAUMAN, 1999).

Na reportagem “Artesãos são retirados da Praça”, alguns deles dão sua opinião sobre a reforma e a retirada da feira,

Para a artesã Flávia Mesquita, que expõe no local há 21 anos, é preciso organizar melhor o espaço, mas lamenta a saída dos artistas. ‘Já levei trabalhos meus a outros Estados brasileiros, em nome de Santa Catarina. Merecemos respeito’, disse a artista que trabalha com roupa e couro. Aos 48 anos de idade, Marilda Magi contou que trabalha há 25 no local. ‘A prefeitura poderia deixar a gente até o final do verão, pelo menos’. O turista paraguaio Andres Almada defendeu que ‘quase todas as cidades do mundo tem feira nas praças.

Ora, se a razão para retirada dos artesãos era a revitalização do centro para o turismo, parece que a ação teve reflexo contrário durante o período de reforma, é o que mostra os depoimentos de um engraxate e de um taxistas ao Jornal *A Notícia*.

“Acho ruim fechar a praça na temporada de verão. Ela tem que ser reformada, mas não precisava ser agora. Não concordo com a retirada dos artesãos. Eles estavam aqui há mais de 30 anos e a praça ficava mais bonita

---

<sup>6</sup>Cf., Artesãos Prontos para Confronto. Jornal O Estado, Santa Catarina, 11 jan., 2000.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Cf., Artesãos são retirados da Praça. Jornal Diário Catarinense, Santa Catarina, 11 jan., 2000.

com eles” Antônio Arnaldo Ramos, 27 anos, engraxate que atua há 4 anos no local.<sup>9</sup>

Já o taxista fala do “descontentamento do povo e a frustração do turista em encontrar o cartão de visita cercado por tapumes”.

“Todo o turista reclama”, atesta um taxista que trabalha há vários anos num ponto da praça e que preferiu não ser identificado. “estragou principalmente a diversão dos aposentados, acabando com as partidas de dominó, e o lugar de descanso de quem almoça no centro. Onde eles vão sentar para descansar agora, antes de voltar ao trabalho?”, questiona<sup>10</sup>.

O ataque mais contundente à obra da Prefeitura presente na mídiaviria nas palavras da jornalista Elaine Tavares. Ela escreve para o caderno *AN Capital* do Jornal *A Notícia* o seguinte:

(...)Artesãos são gente livre, seres que decidiram viver de outro modo que não esse imposto pela sociedade capitalista. São os remanescentes de um tempo de paz e amor, os que não se dobram as armadilhas do capital. Artesãos são artistas, seres mágicos que inventam coisas com sementes, pedaços de pano, contas, fios de cobre, restos de madeira e metais. E são esses feiticeiros da alegria, cabeludos, cheirando a incenso, que agora viraram “lixo” e precisam ser eliminados.

A Praça 15 está sendo fechada com tapumes para uma reforma radical. Diz a Prefeitura que vai limpar, tornar mais bela. Ótimo, também quero a praça limpa e bela. Mas os artesãos não são sujeira. Não podem e não devem sair da praça, são a alma dela. É ali, na praça, que os desvalidos, os feios, as prostitutas, os loucos, os cantores, os tocantes de flauta, os entalhadores, os velhos, circulam o dia inteiro. É ali que a vida dos diferentes se faz, sem preconceito, sem confusão.

Nas palavras do Presidente da Associação dos Artesãos da Praça XV, por sua vez, a forma como a Prefeitura tratou a questão da retirada dos artesãos da Praça “Foi uma decisão ditatorial porque não houve negociação. Queremos um local com a mesma circulação de pessoas”.<sup>11</sup>

E, assim como previam os artesãos, eles não voltaram a trabalhar na Praça XV após a sua reinauguração. Também não se instalaram na Rua Victor Meirelles como previa o projeto inicial da Prefeitura.

<sup>9</sup> Cf., Obra na Praça fica pronta em abril. Jornal A Notícia – AN Capital, Santa Catarina, 13 jan. 2000.

<sup>10</sup> Cf., Oposição faz protesto na Praça 15 contra Prefeita. Jornal A Notícia – AN Capital, Santa Catarina, 21 fev., 2000.

<sup>11</sup> Cf., Artesãos são retirados da Praça. Jornal Diário Catarinense, Santa Catarina, 11 jan., 2000.

No primeiro momento após a interdição da Praça XV, os artesãos foram remanejados para o entorno do Antigo Terminal Urbano Cidade de Florianópolis, e alguns, registrados pela Prefeitura, puderam também montar seus estandes na Praça Fernando Machado, situada em frente ao Antigo terminal e abaixo da Praça XV.

Devido às condições do local, em meio à fumaça da queima do óleo diesel dos ônibus e à falta da natureza antes ostentada na antiga Praça, muitos artesãos foram, gradativamente, abandonando estes espaços do centro da cidade e buscando um novo local em que pudesse praticar suas atividades.

Como fala Rogério Proença Leite, no livro “Contra-usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea”, certas manifestações não se estruturam em qualquer rua, “mas apenas em certos espaços, os quais têm sentidos para os atores envolvidos.” (LEITE, 2007:197)

Por isso muitos abandonaram o calçadão ao lado do terminal, lugar de passagem, de pressa, e não da tranquilidade, do descanso após o almoço e contemplação da natureza que era a Praça XV. Em depoimento ao jornal *A Notícia* a “artesã itinerante” Rosa Corina Prado, 39 anos, que estava há um ano na “Praça 15” conta sobre a mudança. Segundo ela,

A Praça jamais poderia ser fechada no verão por causa dos turistas. Já viajei até a Bahia e é a primeira vez que eu vejo uma feira de artesanato no terminal de ônibus. Em todo o mundo a praça é o lugar do artesão<sup>12</sup>.

Se em todo lugar praça é lugar de artesão, porque em Florianópolis não?

### O Coração da Praça

Há, entretanto, na mesma cidade, outra Praça, a Bento Silvério, situada na Lagoa da Conceição. Bastante freqüentada, a Praça da Lagoa, como popularmente é conhecida, diferencia-se da Praça XV primeiro, por estar localizada em um bairro afastado do centro, cercado uma grande lagoa de água salgada; e, segundo, por se constituir numa alternativa de lazer pela presença de muitos bares, cafeterias, lojas, galerias de arte, centro cultural, além da paisagem hipnotizante da Lagoa.

---

<sup>12</sup> Cf., Obra na Praça fica pronta em abril. Jornal *A Notícia* – AN Capital, Santa Catarina, 13 jan. 2000.

Nela, não só é permitida a exposição de artesanatos feitos por artistas (moradores da cidade ou de passagem) nas feiras de domingo, quando há uma maior circulação de pessoas no local; como é nela que acontece semanalmente o encontro de “malabares”, quando os artistas trocam idéias, aperfeiçoam e/ou aprendem novas técnicas.

Cabe ressaltar aqui, para melhor compreender a particularidade do local, uma outra ação da Prefeitura Municipal de Florianópolis que foi a Portaria emitida em 2009. Nela, a prefeitura proibia a prática de malabaristas nos semáforos da cidade em favor da “segurança”, da “legalidade” e também da “limpeza” da cidade.

Como consta em notícia publicada no Jornal *Diário Catarinense* de 21 de julho de 2009, os “artistas de rua estão proibidos de trabalhar em Florianópolis”<sup>13</sup> e,

Segundo o engenheiro José Carlos Ferreira Rauen, secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano de Florianópolis, muitos dos chamados artistas são estrangeiros e não têm autorização para trabalhar no Brasil.

- Não queremos esse tipo de trabalho aqui. Florianópolis limpou desde o início da fiscalização. Quero uma cidade com noção de organização administrativa - diz o secretário.<sup>14</sup>

O fato curioso é que a Praça da Lagoa parece caminhar no fluxo contrário a essas proibições do centro da cidade, sendo palco tanto de feiras de arte e artesanato quanto de encontros de malabaristas. As ações desses artistas não apenas são permitidas como, em grande medida, se configuram como elementos atrativos do lugar.

Até mesmo em dias de chuva forte quando os artesãos são impedidos de expor suas artes, marcas denunciam a sua presença na Praça. Em uma das imagens desta comunicação, esses vestígios dos artistas aparecem através do mosaico que dá cor à lixeira. São pequenos rastros que declaram que aquele é um espaço sensível às artes.

Fora os domingos, a feira informalmente se estende aos outros dias da semana, como na ecofeira nas manhãs de sábado e nas ruas vizinhas, com um e outro artesão adentrando as agitadas noites no bairro.

É possível perceber, portanto, que há diferentes configurações de territórios na cidade. Em alguns, como a Praça XV e o Centro onde ela se localiza, a presença e as práticas de

---

<sup>13</sup> Cf., Malabaristas estão proibidos de trabalhar nas ruas de Florianópolis. Portal ClicRBS/ Diário Catarinense . 21 jul., 2009. Disponível em <http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&section=Geral&newsID=a2586724.xml> Acessado pela última vez em set., 2011.

<sup>14</sup> Idem.

artistas de rua são proibidas e, noutros, como a Praça Bento Silvério e a Lagoa da Conceição onde ela está situada, não só é permitida a ação desses artistas, como sua presença constitui um elemento atrativo do lugar.

O que fica de questão é se há uma real distinção de arte nesses dois espaços. Será certo afirmar que o que é considerado delito no centro, é considerado arte na Lagoa?

Até o momento da pesquisa não cheguei a uma conclusão sobre estas questões. Essa comunicação, portanto, é um exercício para pensar essa problemática. Aqui estão expostas algumas análises das fontes as quais tive acesso e se restringem as notícias dos jornais *Diário Catarinense*, *O Estado* e *A Notícia*, dos meses de novembro, dezembro de 1999, e janeiro e fevereiro de 2000. Documentos que dão pistas sobre esses conflitos vividos na cidade, mas ainda insuficientes para compreender a complexidade da configuração desses distintos territórios para arte na cidade. Ainda serão buscados nos jornais de bairro ( *Jornal da Lagoa*, por exemplo) o papel da Praça da Lagoa para os moradores e artistas da cidade. Além disso, os depoimentos orais serão de extrema importância nesse processo de compreensão da relação dos artistas de rua com os espaços urbanos da cidade de Florianópolis.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

FANTIN, Marcia. *Cidade dividida*. Florianópolis: Futura, 2000.

LEITE, Rogério Proença. *Contra-Usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. 2. ed., rev. e ampl. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

## Periódicos

Artesãos fazem protesto para permanecer na praça. *Jornal A Notícia - AN Capital*, Santa Catarina, 01 dez., 1999.

Artesãos fazem protesto. *Jornal O Estado*, Santa Catarina, 01 dez., 1999.

Artesãos Prontos para Confronto. Jornal O Estado, Santa Catarina, 11 jan., 2000.

Artesãos são retirados da Praça. Jornal Diário Catarinense, Santa Catarina, 11 jan., 2000.

Artesãos vão deixar Praça XV. Jornal O Estado, Santa Catarina, 19 nov., 1999.

Malabaristas estão proibidos de trabalhar nas ruas de Florianópolis. Portal ClicRBS/ Diário Catarinense . 21 jul., 2009. Disponível em

<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&section=Geral&newsID=a2586724.xml> Acesso em 26 set., 2011.

Obra na Praça fica pronta em abril. Jornal A Notícia – AN Capital, Santa Catarina, 13 jan. 2000.

Oposição faz protesto na Praça 15 contra Prefeita. Jornal A Notícia – AN Capital, Santa Catarina, 21 fev., 2000.